
Constituindo identidades de negros: uma análise discursiva sobre repercussão de palestra de Taís Araújo através de comentários em portais de notícias¹

Laís SUASSUNA²

Luíza ARAÚJO³

Marluce PEREIRA⁴

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

Resumo

O artigo discute como se dá a constituição discursiva de identidades de negros a partir de posicionamentos ante a palestra de Taís Araújo no TEDx São Paulo em 2017. Objetiva-se analisar discursividades em comentários de internautas postados nos sites Terra, Uol e Yahoo acerca dos dizeres da atriz e que constroem discursivamente identidades face ao pertencimento racial. Orientam teoricamente a análise, os estudiosos Michel Foucault (1999), Eni Orlandi (2005) e Stuart Hall (2005). Os resultados preliminares revelam que os internautas reforçam, em seus discursos, sentidos de práticas racistas que traduzem o quanto precisa ainda ser feito em termos de políticas públicas para que os negros possam (re) construir sua história.

Palavras-chave: análise do discurso; comunicação; jornalismo; racismo; Taís Araújo.

1 Introdução

O racismo, com sua historicidade escravocrata e colonial, possui herança milenar. Anos de práticas racistas levaram o negro a internalizar repressões culturais e identitárias, em que foram assimilados estereótipos e preconceitos proferidos por uma sociedade eurocêntrica.

Um sujeito constitui sua identidade internalizando os significados e valores da sociedade (HALL, 2005), mas isso também resulta no indivíduo conflitos internos. Para os negros, um exemplo seria a autodiscriminação, que consiste em uma internalização de imagens negativas de si mesmo (SODRÉ, 1999), consolidada através de uma

¹ Trabalho apresentado na IJ 01 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

² Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPB, email: lais_renata@hotmail.com.

³ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPB, email: araujolmr@outlook.com.

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UFPB, e-mail: marlucepereira@uol.com.br.

hierarquização das raças. As culturas hegemônicas, estas eurocêtricas, viviam em um processo de diferenciação e até mesmo estranheza com o Outro, ou seja, a alteridade.

A luta contra o racismo aumentou consideravelmente nos últimos dois séculos, seja através da retomada da aceitação da identidade negra, seja na busca política por seus espaços na sociedade. Nos anos 80, jornais pequenos começaram a crescer com pautas que objetivavam veiculação de notícias relacionadas ao mito da democracia racial no Brasil (SODRÉ, 1999).

O papel dos meios de comunicação auxilia o processo de conquistas de negros, ampliando o espaço de fala e expressão cultural através de questões como empoderamento e orgulho dessa população. Mesmo com o avanço da comunicação, dando visibilidade à luta contra estereótipos, o racismo ainda é presente nas vertentes jornalísticas, nas quais se consegue apreender discursividades que expressam preconceitos, o que continua fortemente corroborado com o já anunciado por Muniz Sodré (1999, p. 9), que revela a permanência do preconceito mesmo diante dos avanços econômicos e políticos do mundo:

[...] Já no começo dos anos cinquenta, Costa Pinto desacreditava claramente dos prognósticos de vários de seus colegas sociólogos da época no sentido de que a discriminação racial deveria terminar tão logo se industrializasse plenamente o país. Nada mais acertado: na entrada do século 21, os afrodescendentes, seja no Brasil, na América Latina, nos Estados Unidos ou na Europa, continuam econômica, política e simbolicamente desiguais frente aos “claros”. (SODRÉ, 1999, p. 9)

Não só os textos de notícias apresentam discursividades que, objetivamente, reforçam estereótipos raciais. Na internet, usuários têm fácil acesso à produção e publicação de comentários para expressar seus posicionamentos, como é o caso da repercussão da palestra da atriz Taís Araújo no TEDx São Paulo. A fala da atriz, intitulada “Como criar crianças doces num país ácido” aconteceu em 12 de agosto de 2017, mas só obteve destaque na internet quando o TEDx Talks publicou o vídeo do evento no YouTube em 14 de novembro de 2017.

O TEDx é um programa do TED⁵, uma organização sem fins lucrativos, criado para ajudar pessoas, comunidades e organizações a discutirem e se conectarem localmente sobre diversos assuntos. Através dos vídeos e apresentações ao vivo do

⁵ TED. TEDx Program. Disponível em: <www.ted.com/about/programs-initiatives/tedx-program> Acesso em: 13 mar. 2018.

TEDx Talks, o TEDx⁶ apoia organizadores locais independentes que querem promover o evento para sua comunidade.

A análise sobre a repercussão midiática da palestra foi realizada utilizando três sites de notícias: Terra, Uol e Yahoo, observando as discursividades presentes tanto no texto da notícia quanto nos dez comentários mais curtidos de cada um. A análise do discurso visa compreender como um objeto simbólico produz sentidos e como está investido de significância, dos sujeitos quanto para outros (ORLANDI, 2005).

2 Aparato teórico

A presença do racismo na sociedade é um fato histórico, sendo visto em processos como colonizadores, com a escravidão dos negros e sua marginalização. O Ocidente já estava ocupando a África no século XIX e a ignorância dos europeus para com a história dos negros, as diferenças culturais, preconceitos étnicos e a exploração das riquezas africanas predisuseram, por parte dos europeus, a uma desfiguração da personalidade moral e das aptidões intelectuais do negro (MUNANGA, 1988, p. 7).

A questão da identidade cultural logo pode ser analisada através dos negros. Para Kabengele Munanga (1988, p. 16), “na sua totalidade, a elite negra alimentava um sonho: assemelhar-se tanto quanto possível ao branco, para, na sequência, reclamar dele o reconhecimento de fato e de direito.” Em uma sociedade moderna, mesmo com uma essência interior, o “eu real”, a identidade do sujeito se forma e se modifica através de um diálogo contínuo entre os mundos culturais e as identidades oferecidas por eles (HALL, 2005, p. 11).

No contexto histórico, esse diálogo entre raças nunca foi uma interação harmoniosa, mostrando-se como uma assimilação dos valores culturais do branco. E, como ainda afirma Munanga (1988, p. 18), a assimilação chegou a um impasse em que “[...] o caminho da desumanização do negro escolhido pelo colonizador não poderia integrá-lo. Pelo contrário, criou sua desestabilidade cultural, moral e psíquica, deixando-o sem raízes, para melhor dominá-lo e explorá-lo.”

É quando se anuncia uma gradativa retomada da negritude, ou seja, a volta às origens e, querendo ou não, a volta de um diálogo com a essência interior. O negro se legitima cultural, moral, física e psiquicamente, assumindo a cor antes negada e vendo traços de beleza e feiura como qualquer outro ser humano (MUNANGA, 1988, p. 19).

⁶ TEDx. Sobre o TEDx. Disponível em: <www.tedxsaopaulo.com> Acesso em: 13 mar. 2018.

Os movimentos sociais dos negros logo buscavam a afirmação de sua identidade cultural e garantias políticas, em que se torna necessário o esclarecimento de algumas noções raciais e quais concepções delas utilizamos.

Discutir uma noção biológica sobre “raça” não é o caso, já que esta só é admissível culturalmente e em que a possibilidade de uma “relação racial” se caracteriza por dissimetria nas relações hierárquicas e simbólicas entre os indivíduos em virtude das diferenças fenotípicas (SODRÉ, 1999, p. 194).

Sob o ponto de vista de que o racismo é um mecanismo de poder, Michel Foucault (2005, p. 304) apresenta-o como um corte entre o que deve viver e morrer, em que o aparecimento, a distinção, a hierarquia das raças e a qualificação de algumas como boas e outras como inferiores vai ser uma maneira de fragmentar o campo do biológico de que o poder se incumbiu.

Em diferentes espaços e relações sociais, o racismo se faz presente, como mostra Munanga (2004, p. 8):

Racismo é a ideologia que postula a existência de hierarquia entre grupos raciais humanos. É um conjunto de ideias e imagens vinculadas a grupos humanos, baseadas na existência de raças superiores e inferiores. O racismo individualizado manifesta-se por práticas discriminatórias de indivíduos contra outros indivíduos. O racismo institucional está presente, por exemplo, no isolamento dos negros (as) em determinados bairros, escolas e empregos. Também está presente no currículo escolar e nos meios de comunicação. (MUNANGA, 2004, p. 8)

Nos meios de comunicação, percebe-se como as discursividades contribuem na construção de identidades. Desde o século XIX, a imprensa negra brasileira deu luz à conservação de garantias individuais e à construção de uma coletividade visando o fortalecimento dos negros (PINTO, 2006). Anos se passaram e as pautas relacionadas a negros crescem, seja através de novas mídias feitas por negros e para negros, ou através da visibilidade dada pelos grandes sites de notícias do país.

Embora o crescimento pela busca da igualdade racial exista, os veículos midiáticos ainda podem apresentar a propagação de racismo. Como esclarece Muniz Sodré (1999, p. 243):

A mídia funciona no nível macro como um gênero discursivo capaz de catalisar expressões políticas e institucionais sobre as relações inter-raciais, em geral estruturadas por uma tradição intelectual elitista que, de uma maneira ou de outra, legitima a desigualdade social pela cor da pele. (SODRÉ, 1999, p. 243)

O discurso, seja na mídia ou não, é um processo de significação. Para Eni Orlandi (2005), a Análise do Discurso trata que “as relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é um efeito de sentidos entre locutores.” (ORLANDI, 2005, p. 21).

Para análise do nosso objeto de estudo, torna-se necessária a compreensão dos processos de significação que entremeiam os textos jornalísticos e comentários de internautas. Tendo a linguagem fazendo sentido porque se inscreve na história, Orlandi (2005, p. 43) também descreve que o discurso:

[...] se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo o que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele. O estudo do discurso explicita a maneira como linguagem e ideologia se articulam, se afetam em sua relação recíproca. (ORLANDI, 2005, p. 43)

Os discursos logo mostram uma construção histórica de sentidos, o que Orlandi chama de interdiscurso, em que formulações são esquecidas para que o sujeito possa se estabelecer no movimento de identidade e de sentidos, constituindo outras possibilidades de subjetivações dos sujeitos (ORLANDI, 2005, p. 54).

No emaranhado sócio-histórico, de identificação e de compreensão de diferentes sentidos, nossa análise discursiva foca em notícias e comentários que são veiculados na internet em sites noticiosos. Chamado de webjornalismo, João Canavilhas (2001) o apresenta sob uma perspectiva multimídia, em que elementos como hiperligações, vídeo, áudio e flash e 3D ou gráficos são integrados na notícia para ser uma via de interação entre emissor e receptor. Logo a interatividade em notícias recebe destaque já que, no webjornalismo, a notícia “[...]deve ser encarada como o princípio de algo e não um fim em si própria. Deve funcionar apenas como o “tiro de partida” para uma discussão com os leitores.” (CANAVILHAS, 2001, p. 3).

Desse modo, os espaços para comentários no final das notícias veiculadas nos portais de notícias se mostram imprescindíveis para a interatividade e participação dos internautas no webjornalismo. Como Alejandro Rost cita Raimondo Anselmino (2012

apud 2014, p. 58): “Os “espaços de participação” são aqueles onde o leitor pode manifestar-se discursivamente (comentários abaixo das notícias, blogues, redes sociais, páginas de reportagem cidadã, etc.).”

3 Metodologia

As três notícias escolhidas para a análise foram publicadas nos sites Terra, Uol e Yahoo no dia 16 de novembro de 2017, dois dias após a publicação da palestra proferida por Taís Araújo “Como criar crianças doces num país ácido” no canal TEDx Talks no YouTube⁷.

Como critério para escolha dos sites para recorte das notícias sobre a palestra foi o de que os sites disponibilizassem aos leitores uma seção para comentários logo abaixo da notícia, em que pudéssemos analisar como os internautas constituem as identidades de negros em seus posicionamentos. Analisamos os comentários expostos na aba de “Principais” de cada site, levando em conta que os portais é que definem, de acordo com comentários mais curtidos e respondidos, quais são os principais, tanto entre comentários redirecionados da publicação na página do portal na rede social *Facebook* quanto os que foram realizados diretamente na página da notícia.

No site Terra⁸, a notícia foi publicada na seção Diversão, dentro da subseção Gente e na Purepeople, que são destinadas às notícias sobre celebridades. Os comentários são redirecionados do *Facebook*, totalizando 1045 e em que analisamos apenas os dez primeiros da aba “Principais”.

Já no Uol⁹, a notícia foi postada na página Universa, que circula na internet sob o domínio do site Uol. Como tópico inicial na página da notícia, apresenta o título “Mães e filhos”. No total, de 393 comentários entre redirecionamentos do *Facebook* e outros realizados diretamente no site, analisamos os dez primeiros do tópico “Mais curtidos”.

⁷ Como criar crianças doces num país ácido | Taís Araújo | TEDxSaoPaulo. TEDx Talks, 14 nov. 2017. Disponível em: <<https://youtu.be/H2Io3y98FV4>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

⁸ “A cor faz as pessoas mudarem de calçada”, diz Taís Araújo. 16 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/diversao/gente/purepeople/tais-araujo-entrega-receio-com-filho-a-cor-faz-as-pessoas-mudarem-de-calcada,b956a747bf75959399ea45db02e331e0qkz0x4kg.html>>. Acesso em 8 abr. 2018.

⁹ Taís Araújo: “No Brasil, a cor do meu filho faz pessoas mudarem de calçada”. São Paulo, 16 nov. 2017. Disponível em: <<https://estilo.uol.com.br/gravidez-e-filhos/noticias/redacao/2017/11/16/tais-araujo-no-brasil-a-cor-do-meu-filho-faz-pessoas-mudarem-de-calcada.htm>>. Acesso em: 8 abr. 2018.

Por fim, o Yahoo¹⁰ publicou a notícia na página Vida e Estilo, na subseção Celebidades. Com 27 reações feitas no próprio site, selecionamos também as dez primeiras na aba “Principais reações”.

Outro critério definidor da escolha foi a semelhança dos títulos das três notícias selecionadas, já que se referem a um mesmo trecho da fala da atriz na palestra “Porque, no Brasil, a cor do meu filho é a cor que faz com que as pessoas mudem de calçada, escondam suas bolsas e que blindem seus carros.”¹¹

4 Análise

Tanto o site Terra, Uol e Yahoo utilizaram o mesmo recorte da fala de Taís Araújo para intitular as notícias. Embora sejam transcritas da mesma fonte, cada site optou por diferentes construções textuais.

No site Terra, o título é:

Imagem 1 – Título da notícia no site Terra.



Fonte: Terra. Disponível em: <<https://goo.gl/JSF5c1>>. Acesso em 8 abr. 2018.

Como visto anteriormente, a fala da atriz não foi exatamente esta, mesmo com o site utilizando as aspas e dando a segurança de que este foi o discurso proferido pela atriz.

Já no Uol, o título é mais fiel à fala da atriz, fazendo apenas omissões a algumas palavras que, na conclusão geral da manchete, não alteram o seu conteúdo.

¹⁰ Taís Araújo fala sobre preocupação com os filhos: ‘A cor dos meus filhos é a que faz as pessoas mudarem de calçada’. 16 nov. 2017. Disponível em: < <https://br.vida-estilo.yahoo.com/tais-araujo-fala-sobre-preocupacao-com-os-filhos-cor-dos-meus-filhos-e-que-faz-pessoas-mudarem-de-calcada-202344446.html>>. Acesso em: 8 abr. 2018.

¹¹ Como criar crianças doces num país ácido | Taís Araújo | TEDxSaoPaulo. TEDx Talks, 14 nov. 2017. Disponível em: < <https://youtu.be/H2Io3y98FV4>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

Imagem 2 – Título da notícia no site Uol.



Fonte: Uol. Disponível em: <<https://goo.gl/ZWm9on>>. Acesso em: 8 abr. 2018.

No Yahoo, o título ressalta uma preocupação da atriz para com os filhos, também sendo mais fiel ao discurso de Taís, embora, novamente como os outros sites, não seja a transcrição exata do que a palestrante expôs no TEDx.

Imagem 3 – Título da notícia no site Yahoo.



Fonte: Yahoo. Disponível em: <<https://goo.gl/HZq7m5>>. Acesso em: 8 abr. 2018.

A construção desses discursos jornalísticos representa um papel na perpetuação de preconceitos e racismos. Segundo afirma van Dijk:

A mídia funciona no nível macro como um gênero discursivo capaz de catalisar expressões políticas e institucionais sobre as relações inter-raciais, em geral estruturadas por uma tradição intelectual elitista que, de uma maneira ou de outra, legitima a desigualdade social pela cor da pele. (1993 apud SODRÉ, p. 242-243)

Esclarecendo como um discurso na mídia pode ser o grande influenciador de pensamentos na sociedade, nem sempre as discursividades midiáticas geram reflexões construtivas aos leitores, em que algumas situações apenas dão seguimento a discursos de ódio ou reprodução de preconceitos.

4.1 Comentários

Alguns dos comentários dos internautas expressam discursividades cujos sentidos perpassam muitas das questões que ainda se presentificam no cotidiano dos negros, principalmente com temáticas relacionadas à democracia racial.

No livro *Casa Grande Senzala* (2003), o sociólogo Gilberto Freyre (2003) analisou a sociedade brasileira do século XIX considerando as expressões culturais, enxergando a interação entre raças - exaltando a miscigenação - como uma abertura para relações sociais mais harmoniosas, de tal forma fomentou o que viria a ser chamado de democracia racial, conceito que foi disseminado nos estudos e discussões socioculturais como a falsa ideia de que se existe uma igualdade pacifista entre raças e etnias do território brasileiro.

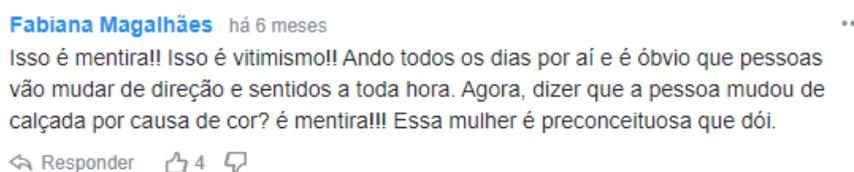
Nos seguintes comentários vemos como a ideia de democracia racial permanece nos tempos contemporâneos:

Imagem 4 – Comentário retirado do site Terra.



Fonte: Terra. Disponível em: <<https://goo.gl/JSF5c1>>. Acesso em 8 abr. 2018.

Imagem 5 – Comentário retirado do site Yahoo.



Fonte: Yahoo. Disponível em: <<https://goo.gl/HZq7m5>>. Acesso em: 8 abr. 2018.

Imagem 6 – Comentário retirado do site Terra.

Adenir de Souza · UNASP

O racismo vai acabar quando pararem de se vitimizar!! Parem de se vitimizar, vamos a lutas todos são cidadão brasileiro, todos podem buscar a vitória!! Todos podem vencer na vida, todos os brasileiros têm liberdade de ir e vir!!!

Curtir · Responder ·  41 · 26 sem

Fonte: Terra. Disponível em: <<https://goo.gl/JSF5c1>>. Acesso em 8 abr. 2018.

Imagem 7 – Comentário retirado do site Terra.

Matheus Barbosa Baptista · Mangaratiba

Deve ser muito difícil mesmo ser filho de pais ricos e famosos... Preconceito racial existe sim, dos dois lados inclusive. Mas o maior preconceito é o social. Se você é pobre, NÃO IMPORTA a cor, você vai sofrer muito...

Curtir · Responder ·  41 · 26 sem

Fonte: Terra. Disponível em: <<https://goo.gl/JSF5c1>>. Acesso em 8 abr. 2018.

Diminuindo a gravidade da violência racial sofrida por Taís e seus filhos, os internautas tentam relativizar a situação colocando-se em comparação a Taís, constantemente utilizando o pensamento de que todos são iguais, e que brancos e negros estão propícios a serem vítimas de agressões racistas.

É mostrado um desconhecimento ou uma desvalorização de dados significantes no contexto socioeconômico da população brasileira, como o mapa da pobreza, divulgado em 2017 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que divulgou que negros continuam desfavorecidos em tais aspectos.

No site Terra, o comentário que recebeu mais aprovação dos leitores com 338 likes (Imagem 4), trouxe a questão da educação aliada ao sistema de cotas como sendo um “benefício”. Apesar das políticas públicas negros ainda são maioria nas taxas de analfabetismo, de acordo com o IBGE, e minoria nas universidades brasileiras, de acordo com a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), onde a porcentagem de universitários negros não chega a 9% do corpo discente das universidades.

Embora alguns usuários adotem sentidos que refletem a crença no mito da democracia racial, outros evidenciam que, na verdade, o preconceito existe, como comenta Francisco Assis, no Uol:

Imagem 8 – Comentário retirado do site Uol.

Francisco Assis · 16/11/2017 21h14

Essa onda de vitimização já encheu o saco. São tantos querendo tirar proveito disso enquanto o preconceito é devido a outra coisa.,o lado social, e aí não precisa ser negro.

65 | Responder | Respostas (2) |

Fonte: Uol. Disponível em: <<https://goo.gl/ZWm9on>>. Acesso em: 8 abr. 2018.

Efeitos de sentidos que negam a existência de um racismo estrutural constituem discursividades que perpassam quase todos os comentários dos três portais de notícias, e quando não há essa recusa, o que se observa é uma ressalva a condição econômica em que Taís – supostamente – se encontra, sentidos que parecem ser utilizados como tentativa de anular mais uma vez o racismo sofrido.

O que justifica o preconceito para esses usuários é a condição econômica e não racial. Por terem uma imagem de Taís Araújo apenas como uma mulher rica e atriz, os comentários reforçam a ideia de que ela não sofre preconceito. Como dizem os internautas:

Imagem 9 – Comentário retirado do site Terra.

Celso Alves · São Judas Campus Unimonte

ela precisa trocar suas bandeiras, o preconceito racial não é maior nem mais incisivo, quanto o preconceito social, quantas pessoas e crianças estão na linha da miséria, e ela só fala de racismo, no seu bom apto,quado tem muitos sem teto, com mesa farta, quando muitos se tem água infectada e farinha, e quando tem, seus filhos irão para escolas particulares, e nem tem creche para os necessitados delas para poderem deixar os filhos e trabalhar, é fácil reclamar quando essas faltas de tudo não bate a sua porta, USE SEU VISUAL TELEVISIVO, PARA LEVANTAR OUTRAS BANDEIRAS E ANULAR DE VEZ OS POLÍTICOS CORRUPTOS, QUE NOS LEVARAM A ESSA SITUAÇÃO.

Curtir · Responder · 66 · 26 sem

Fonte: Terra. Disponível em: <<https://goo.gl/JSF5c1>>. Acesso em 8 abr. 2018.

Imagem 10 – Comentário retirado do site Yahoo.

izabel · há 6 meses

Tá falando sério Taís? o preconceito no Brasil é com pobre, você não terá esse problema, pois é rica...relaxa.... você tá ficando neurótica, ou querendo aparecer....

Responder | Respostas (1) | 7 | 1

Fonte: Yahoo. Disponível em: <<https://goo.gl/HZq7m5>>. Acesso em: 8 abr. 2018.

Discursividades que expressam sentidos de que há prevalência do preconceito social, acima do racial atravessam sobremaneira posicionamentos dos internautas. Ver o conceito de raça então precisa de um ponto de vista específico, “como elas são, ou seja,

construtos sociais, formas de identidade baseadas numa ideia biológica errônea, mas socialmente eficaz para construir, manter e reproduzir diferenças e privilégios.” (GUIMARÃES, 2005, p. 67). Assim podemos ver nos comentários:

Imagem 11 – Comentário retirado do site Uol.

Tamaran 16/11/2017 11h38

Curioso que o marido dela já deu entrevista dizendo que ela nunca teve problemas com racismo pq sempre foi de família classe média-alta enquanto que ele por ser pobre teve vários momentos que sentiu o racismo na pele. Os filhos deles são de classe alta, pai e mãe são estrelas globais e milionários, essas crianças nunca sofrerão racismo pq falta o principal componente aí, a pobreza.

91 Responder Respostas (8)

Fonte: Uol. Disponível em: <<https://goo.gl/ZWm9on>>. Acesso em: 8 abr. 2018.

Imagem 12 – Comentário retirado do site Uol.

Telma Guadagnini França 16/11/2017 13h13

Duvido que alguém algum dia mudará de calçada porque o filho dela está vindo. O maior preconceito é social. A pessoa muda de calçada quando alguém mal vestido está vindo, mesmo sabendo que nossos maiores bandidos usam terno e gravata.

156 Responder Respostas (12)

Fonte: Uol. Disponível em: <<https://goo.gl/ZWm9on>>. Acesso em: 8 abr. 2018.

Enquanto os comentários produzem sentidos que enfatizam essa diferença social, a partir de um ponto de vista econômico e que privilegia aqueles que têm condições financeiras independente de cor, mostra-se então parte da população que não acredita no mito da democracia racial, mas sim no aspecto social como propagador de preconceitos. “Se as raças não existem num sentido estrito e realista de ciência, ou seja, se não são um fato do mundo físico, elas existem, contudo, de modo pleno, no mundo social, produtos de formas de classificar e identificar que orientam as ações humanas.” (GUIMARÃES, 2005, p. 67).

E retomando o comentário de Matheus Barbosa Baptista, no Terra (Imagem 7), citando a existência de um preconceito racial “dos dois lados”, o comentário elenca outra discussão que permeia as discursividades: a existência de um racismo reverso, também comentado por Paulo Azevedo, também no Terra:

Imagem 13 – Comentário retirado do site Terra.

Paulo Azevedo · Conducting em Taxista

O problema não é o racismo das pessoas... é dela. Ao invés de levar uma vida normal como todo mundo, ela mais repara na vida dos outros do que na dela. Triste esse racismo dela com os brancos. Ela deveria ser processada por racismo.

Curtir · Responder ·  54 · 26 sem

Fonte: Terra. Disponível em: <<https://goo.gl/JSF5c1>>. Acesso em 8 abr. 2018.

Diante das constatações, o conceito de racismo reverso é construído e reforçado nas reflexões desses internautas. Nessa compreensão, a população branca tem a chance de ser atingida por um racismo institucional com o mesmo peso histórico e sociocultural do sofrido por cidadãos negros, mesmo que as observações feitas por Taís não tenham sido direcionadas a uma raça específica.

5 Considerações

Pautas sobre racismo no Brasil ainda enfrentam reações de intolerância que vigoram estereótipos e se baseiam em ideologias insensatas enraizadas no imaginário popular. Junto à possibilidade de realizar uma reação instantânea ou comentário direcionado a um artista ou celebridade, críticas precipitadas e imprudentes são emitidas.

Sem sair de uma privilegiada zona de conforto, os internautas optam por discursos que reforçam a estrutura socioeconômica vigente no território brasileiro, que subjuga tradições e manifestações da cultura afrodescendente, e promove uma hierarquia racial que situa brancos no topo.

O mito da democracia racial se faz presente ao subjugar discussões e denúncias sobre o racismo - principalmente as proferidas por cidadãos negros – reforçando a bolha sociocultural que discrimina, diminui e marginaliza a população negra.

Mesmo na alta sociedade, é preciso realizar um “recorte” racial: ter poder aquisitivo não anula séculos de opressão reverberados na atual construção da violência contra mulheres e homens negros.

A internet, por ser um ambiente de fácil e rápida exteriorização de pensamentos, acaba abrindo espaços para expressões de julgamentos e intolerância. Com os avanços do webjornalismo para entrar em contato direto e instantâneo com seus leitores, as

discussões são realizadas sem muitas barreiras, reforçando também um constante diálogo com outros usuários.

Torna-se essencial uma frequente conscientização social nos meios comunicacionais, – em espaços reais e virtuais – como também na sociedade como um todo, a respeito de políticas públicas voltadas a negros, humanizando e cedendo direitos a uma parcela da população que carrega uma historicidade de exploração e apagamento identitário.

Referências

AGÊNCIA Brasil. Estudantes negros são menos de 10% nas universidades federais. **ISTOÉ**. 21 jan. 2016. Disponível em: <https://istoe.com.br/149761_ESTUDANTES+NEGROS+SAO+MENOS+DE+10+NAS+UNIVERSIDADES+FEDERAIS/>. Acesso em: 21 maio 2018.

FERREIRA, Paula. Brasil ainda tem 11,8 milhões de analfabetos, segundo IBGE. **O Globo**. 21 dez. 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/brasil-ainda-tem-118-milhoes-de-analfabetos-segundo-ibge-22211755>>. Acesso em: 21 maio 2018.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 48. ed. Recife: Global Editora, 2003. Disponível em: <http://www.usp.br/cje/anexos/freire_gilberto_casa_grande_senzala.pdf>. Acesso em: 21 maio 2018.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Racismo e Anti-Racismo no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2005.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MARIANO, Tatiana. “A cor faz as pessoas mudarem de calçada”, diz Taís Araújo. **Terra**. 16 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/diversao/gente/purepeople/tais-araujo-entrega-receio-com-filho-a-cor-faz-as- pessoas-mudarem-de-calçada,b956a747bf75959399ea45db02e331e0qkz0x4kg.html>>. Acesso em 8 abr. 2018.

MUNANGA, Kabengele. **NEGRITUDE - Usos e Sentidos**. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1988.

OLIVEIRA, Nielmar de. IBGE: 50 milhões de brasileiros vivem na linha de pobreza. **Agência Brasil**. 15 dez. 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.etc.com.br/economia/noticia/2017-12/ibge-brasil-tem-14-de-sua-populacao-vivendo-na-linha-de-pobreza>>. Acesso em: 21 maio 2018.

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso – Princípios & Procedimentos**. Campinas: Editora Pontes, 2005.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **De pele escura e tinta preta: A imprensa negra do século XIX (1833-1899)**. 2006. 197 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: <[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/6432/1/Ana Flavia Magalhaes Pinto.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/6432/1/Ana_Flavia_Magalhaes_Pinto.pdf)>. Acesso em: 21 maio 2018.

ROST, Alejandro. Interatividade: Definições, estudos e tendências. In: CANAVILHAS, João (Org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: Livros Labcom, 2014. p. 53-88. Disponível em: <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20141204-201404_webjornalismo_jcanavilhas.pdf>. Acesso em: 21 maio 2018.

SODRÉ, Muniz. **Claros e Escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

TED. **TEDx Program**. Disponível em: <www.ted.com/about/programs-initiatives/tedx-program> Acesso em: 13 mar. 2018.

TEDX. **Sobre o TEDx**. Disponível em: <www.tedxsaopaulo.com> Acesso em: 13 mar. 2018.

TEDX Talks. **Como criar crianças doces num país ácido | Taís Araújo | TEDxSaoPaulo**. Nov. 2017. Disponível em: <<https://youtu.be/H2Io3y98FV4>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

UOL. Taís Araújo: “No Brasil, a cor do meu filho faz pessoas mudarem de calçada”. **Uol**. São Paulo, 16 nov. 2017. Disponível em: <<https://estilo.uol.com.br/gravidez-e-filhos/noticias/redacao/2017/11/16/tais-araujo-no-brasil-a-cor-do-meu-filho-faz-pessoas-mudarem-de-calcada.htm>>. Acesso em: 8 abr. 2018.

YAHOO Vida e Estilo. Tais Araújo fala sobre preocupação com os filhos: ‘A cor dos meus filhos é a que faz as pessoas mudarem de calçada’. **Yahoo! Estilo**. 16 nov. 2017. Disponível em: <<https://br.vida-estilo.yahoo.com/tais-araujo-fala-sobre-preocupacao-com-os-filhos-cordos-meus-filhos-e-que-faz-pessoas-mudarem-de-calcada-202344446.html>>. Acesso em: 8 abr. 2018.